

**A MEMÓRIA COMO ESCRITA E AS MULTIPLAS VOZES
NARRATIVAS NO ROMANCE “L’ENFANT DE SABLE , DE TAHAR BEN
JELLOUN”**

Fabiana de Mattos Busquet
Mestrado/UFF

Orientador: Arnaldo Rosa Vianna neto

O presente trabalho é resultado parcial da pesquisa de mestrado, em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura (subárea de concentração em Literatura Francófona), da Universidade Federal Fluminense, referente à obra intitulada *L’Enfant de Sable*, do autor magrebino Tahar Ben Jelloun. Dentre os diversos aspectos da publicação há os seguintes temas: a memória como identidade do povo do Magrebe, as múltiplas vozes narrativas, a escrita e oralidade e o papel da mulher na sociedade magrebina. Neste artigo tem-se o objetivo de encontrar e expor os referidos temas na obra citada, com a finalidade de resgatar e, concomitantemente, de construir a identidade cultural do povo do Magrebe. O trabalho também tem como finalidade identificar e estudar as “Vozes Narrativas” que permeiam e tecem o romance através das figuras dos contadores de histórias/estórias que, juntamente com o protagonista da obra, povoam o imaginário místico e fabuloso do norte da África. A memória, a identidade e as vozes narrativas se cruzam no enredo, tecendo, assim, um magnífico romance, com o objetivo central de dar vozes aos excluídos, que, neste caso, são as mulheres.

A obra

Em *L’Enfant de Sable*, o autor utiliza o protagonista da estória como uma espécie de escritor-narrador, que, ao narrar suas vivências e memórias em um diário, traz à tona as lembranças de sua infância, como resgate de si mesmo e de sua auto compreensão. Sabe-se que em uma sociedade como a do Magrebe, a oralidade é uma

prática costumeira, passada de geração em geração, com forte apelo, sendo este aspecto característico, há milênios, dessa cultura.

Sobre o enredo, este se passa em um bairro popular de uma cidade árabe, onde um homem, um pai de família, temente aos ensinamentos do profeta e ao Corão, espera com extrema avidez pelo nascimento de um filho homem, o que não acontece. Assim, sete filhas uma após outra, e a vergonha de não ter um filho homem: “Fille sur fille jusqu’à la haine du corps, jusqu’aux ténèbres de la vie [...] Chaque baptême fut une cérémonie silencieuse et froide, une façon d’installer le deuil dans cette famille frappé sept fois par le Malheur.” (BEN JELLOUN, 1985: 19)

Para a família árabe estudada, cada nascimento das sete filhas, sempre era entendido como uma vergonha, como uma espécie de luto. A tradição árabe-muçulmana só reconhece uma mulher como tal, após esta dar à luz a um filho homem. Enquanto isto não acontece, ela é vista como amaldiçoada e seu ventre é designado como enfermo, conforme expõe o autor do romance:

Tu es une femme de bien, épouse soumise, obéissante, mais au bout de ta septième fille, j’ai compris que tu portes en toi une infirmité: ton ventre ne peut concevoir d’enfant mâle; il est fait de telle sorte qu’il ne donnera à perpétuité que des femelles [...] (BEN JELLOUN, 1985: 21-22.)

Segundo a cultura árabe-muçulmana, um homem deve repassar seu nome de família e sua herança ao seu filho e não a suas filhas. A importância de se ter um filho homem nesta cultura patriarcal e fundamentalista, que é transmitida até a atualidade, deve-se ao fato de que, segundo os ensinamentos do profeta, o homem foi criado primeiro que a mulher, cabendo ao sexo masculino o papel de transmitir o legado e a gestão dos bens familiares. Assim, a herança deve ser transferida, impreterivelmente, de pai para filho, de homem para homem, pois, segundo o Islã, os homens são mais fortes e inteligentes.

A tradição e o direito islâmico não veem a mulher como transmissora do legado familiar. Ser, ou nascer mulher, nesta sociedade, implica em várias condições, entre elas a de não ser considerada ou tratada como um ser livre. A mulher é geralmente considerada inferior, tanto no plano físico, quanto intelectual e moral, inclusive, não tem a necessidade do dinheiro, pois o seu sustento fica a cargo do seu cônjuge.

Quando um homem não tem filhos homens, como no caso abordado no romance, a religião é dura com ele. Sua herança é automaticamente transmitida aos familiares mais próximos, como, por exemplo, irmãos, sobrinhos e primos: “Notre religion est impitoyable pour l’homme sans héritier, elle le dépossède ou presque en faveur des frères [...]” (BEN JELLOUN, 1985: 26). Segundo o *hadith* – que representa o corpo da lei islâmica ou das lendas sobre a vida de Maomé –, as mulheres têm menos razão e fé que os homens, conforme verifica-se na extração a seguir: “Les femmes ont moins de raison et de foi” (ASCHA, 1989: 49.) Não se pode deixar de ressaltar que um homem sem filho não é reconhecido, de acordo com o propagado no Corão, como “um bom homem, ou um homem justo”, pela sociedade islâmica.

No romance, para que sua herança não fique com seus irmãos, *Ahmed*, o genitor das sete filhas, articula um plano para que os seus bens não saiam da sua linhagem, envolvendo, assim, os seguintes personagens: sua esposa, que, na obra, não tem nome próprio, representando a insignificância das mulheres no Magrebe e, ainda, uma parteira idosa, chamada *Lalla Radhia*, que, após o parto da oitava criança, morre, levando consigo o segredo que envolve o membro da família recenato.

Em relação ao novo componente do mencionado clã, mais uma menina, *Ahmed* a registra e a educa como menino, que acaba por receber o mesmo prenome de seu pai, ou seja, *Ahmed*. Recai sobre a criança a missão de dar continuidade à família. Com a trama formada, o chefe da família lança a responsabilidade sobre a pequena descendente, a de proteger suas irmãs e mãe, aquando do seu óbito, como pode ser verificado na extração a seguir:

Alors, j’ai décidé que la huitième naissance serait une fête [...] ce sera un homme, il s’appellera Ahmed même si c’est une fille [...] Cet enfant va illuminer de sa présence cette maison terne, il sera élevé, selon la tradition réservée aux mâles, et bien sûr il gouvernera et vous protégera après ma mort [...]” (BEN JELLOUN, 1985: 23)

Assim, a criança que nasce é criada e reconhecida como menino, passando por todos os rituais cultural, religioso e familiar cabível aos homens na sociedade magrebina. A mentira prossegue até a adolescência de *Ahmed* filho, que, púbere, descobre o seu verdadeiro gênero.

A escrita como memória

A importância da memória como escrita e a escrita como memória é um dos temas centrais de Ben Jelloun. Pois é em busca da memória e através da escrita que os personagens se encontram no romance. Ao revistar o passado através das lembranças de infância e das memórias de família, a menina *Ahmed* tece seu próprio destino na escrita de seu diário.

Este personagem, após a descoberta de sua verdadeira sexualidade, adota o nome feminino *Zahra* e, então, revisita e tenta resgatar suas memórias pelas mesmas páginas escritas por ela. A partir do ato da escrita, ela se descobre como pessoa e sai em busca de sua verdadeira identidade que fora furtada por seu pai. A memória de *Ahmed-Zahra* há muito rondava as páginas de seu diário como forma de autoconhecimento e será essa memória não forjada que vai sendo construída, ou seja, escrita pela grafia, nas páginas em branco do diário, que será revelada ao leitor pela protagonista e pelas múltiplas vozes narrativas que vão compor o universo do romance. O exercício do conhecimento do ser e a revalorização da memória reconstituída pelas lembranças dolorosas de uma farsa e da mutilação de seu corpo. Por ser criada como menino, as formas de mulher poderiam denunciar o segredo da família. É no próprio diário em que o leitor encontra toda a dor e mutilação que *Zahra* sofreu:

(...) je parlais peu, la bande de tissu autour de la poitrine me serrait toujours [...]
Ma mère se s'inquiétait pour ma poitrine qu'elle pansait avec du lin blanc, elle serrait très fort les bandes de tissu à fin risque de ne plus pouvoir respirer. Il fallait absolument empêcher l'apparition des seins (...)" (BEN JELLOUN; TAHAR, 1985: 37)

Ao se descobrir mulher, o personagem central tenta adotar sua verdadeira identidade de gênero, porém ele/ela descobre que, somente como homem, terá o respeito da sociedade na qual está inserido. Aos homens é dada, por exemplo, a liberdade de caminhar livremente pelas ruas e pela Medina. À mulher, o espaço da casa, do *oikos* familiar. Ser homem para *Ahmed-Zahra* é um passaporte entre dois mundos distintos, ele/ela é um ser que vive no que *entre-deux*.

A oralidade e as múltiplas vozes narrativas

Em toda a obra a oralidade se cruza com a memória, seja ela pertencente ao personagem central, seja aos dos contadores magrebinos. Assim, na obra, encontra-se a prática da oralidade sendo preservado na literatura do Magrebe. O romance se inicia com as frases em terceira pessoa e a identidade do primeiro contador é tida como um segredo. Ele se denomina “um livro”, cheio de histórias e estórias para narrar.

O romance não deixa de ser um *fait divers*, que é contado por diversos narradores, inúmeras vozes narrativas que permeiam todo romance e que, ao mesmo tempo, se cruzam com a finalidade de resgatar a cultura oral no Magrebe. A oralidade, nada mais é que, a marca da cultura desse povo, que, por séculos, preservou a sua história, apesar de seu território ter sido colonizado, ao longo do tempo, por fenícios, gregos, romanos, árabes e franceses. Contudo, a arte de narrar sobreviveu a essas colonizações e faz-se presente até hoje em todos os países que compõem o Magrebe.

Os contadores carregam em si o saber de contar uma história, fazendo ao leitor lembrar-se das epopeias clássicas, tanto gregas, como romanas. A figura do trovador cego no romance faz alusão ao mito de Oráculo de Delfos, da antiga Grécia, e, ao mesmo tempo, alude a Homero. Segundo a historiografia, o poeta grego era cego, um grande sábio e contador de história, que tinha como missão andar por toda a Grécia para difundir a cultura helênica e não deixar que essa arte, a de narrar, morresse. A obra nada mais é que um canto à oralidade que usa o segredo da família *Ahmed* como pano de fundo para tirar o véu da sociedade árabe e mostrar ao mundo a condição de vida das mulheres nesta sociedade. A arte de contar se faz presente a partir do momento em que *Ahmed*-filho tem a necessidade de escrever sua história como forma de se libertar das amarras da mentira criada por seu pai. A partir de então, o diário de *Ahmed*-filho dialoga com os problemas enfrentados pelas mulheres que vivem pressas nesse *oikos* familiar.

O autor revela, através de sua escrita, que a estória de *Ahmed-Zahra* é contada por diversos narradores em uma praça, lócus da oralidade na cultura magrebina. Ao leitor não é dado saber, com precisão, quantos dias ou horas, os narradores se ativeram à trajetória de vida do personagem principal. De semelhante modo, não tem-se o conhecimento de quantas pessoas ouviram sobre a vida do/da protagonista. A partir da leitura do romance de Ben Jelloun só pode-se identificar que a praça é o lugar da

oralidade e onde a população se encontra com a finalidade de ouvir os contadores. O romance faz elogio à oralidade.

Agrega-se que, no momento em que o personagem termina sua escrita no diário, ele deixa a casa paternal para conhecer o mundo. É neste momento em que aparece no romance as diversas vozes narrativas representadas por diferentes contadores de histórias que representam os dois gêneros. A narrativa principal se perde, pois o narrador que tem o diário e conta a história morre e o diário desaparece. Vários outros narradores aparecem e cada qual conta diferentes versões da estória de *Ahmed-Zahra*. Cada qual reivindica para si ser o portador da verdadeira estória escrita no diário.

O lugar dado à oralidade pode sugerir à revalorização de uma prática cultural que, possivelmente, está em via de desaparecer e que, a seu turno, pode dar um novo *status* à transmissão das memórias e dos costumes que constituem o coletivo e o individual do povo mulçumano.

Considerações Finais

Sendo assim, a prática de contar está em via de desaparecer nas sociedades ocidentais, porém, ela ainda se faz presente na cultura magrebina. O romance trabalhado é uma epopeia à arte de narrar, valendo-se da utilização das múltiplas vozes narrativas, que, ao longo do artigo, foi analisada. A oralidade é transmitida nas páginas do romance como forma de escrita, unindo assim escrita e oralidade.

Verifica-se, portanto, que o autor deseja mostrar ao mundo a cultura de uma sociedade que sobrevive há milênios, em virtude do trabalho dos contadores de história. Coube ao escritor difundir a cultura e a valorização da tradição do Magrebe, utilizando-se do idioma francês, como meio para atingir o público ocidental.

Por fim, detecta-se, também, que Ben Jelloun denuncia ao mundo a opressão às mulheres existente no norte da África, pessoas que vivem à margem da sociedade e que, através do romance trabalhado, ganharam vozes. Assim sendo, o autor busca amenizar o silêncio que as mulheres magrebins são submetidas ainda na atualidade.

Referências

ASCHA, Ghassan. Du Statut Inférieur de la femme en Islam. In *L'inégalité entre l'Homme et La femme em Islan*. Paris: L'harmattam, 1989.

BEN JELLOUN, Tahar. *L'Enfant de sable*. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

MEMMI, Albert Portait. *Du colonisé precedé do portrait du colonisateur*. Paris: Gallimard, 1985.

SOARES, Vera Lucia. *A escrita dos Silêncios. Assia Djabar e o discurso do colonizado no feminino*. Niteroi: EDUFF, 1998.